

## DA TRADIÇÃO GRAMATICAL AO FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO: FUNÇÕES DO VERBO PASSAR NA FALA E ESCRITA DOS NATALENSES

Francisca Damiana Formiga Pereira<sup>1</sup>  
Doutoranda em Letras - PPGL/UERN

### RESUMO

Os dados aqui apresentados se inscrevem como parte da análise da minha dissertação de mestrado, assim sendo, este artigo objetiva identificar quais as funções gramaticais o verbo *passar* exprime na fala e na escrita dos Natasenses. Para tanto, escolheu-se para análise o corpus Discurso e Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal (D&G - Natal), a escolha se deu por representar um material bem constituído e organizado de textos reais produzidos por falantes reais em situações interativas. O alicerce teórico que subsidia esta análise é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), com vistas a apresentar as divergências na abordagem da classe gramatical em estudo em relação à Gramática Tradicional (GT). Os resultados apontam seis funções gramaticais no *corpus* analisado, o verbo *passar* com função de verbo de ação-processo, processo, ação, estado, auxiliar e verbalizador. Os dados possibilitaram uma possível rota de gramaticalização das funções do termo em estudo.

**Palavras-chave:** LFCU. Funções. Verbo *passar*.

### Considerações Iniciais

As classificações das categorias gramaticais baseiam-se em uma visão prescritiva da linguagem. Derivado desse modo de conceber a língua ocorre o estudo dos fatos linguísticos, priorizando a vertente padrão, sem considerar outras manifestações linguísticas que os falantes, pouco a pouco, vão incorporando ao seu repertório. A ênfase na abordagem prescritiva da língua vem deixando a desejar, uma vez que o modo como vem sendo trabalhado e perpetuado nas aulas de Língua Portuguesa não promove uma aprendizagem significativa.

O verbo *passar*, objeto de estudo desta pesquisa, é visto na gramática tradicional (GT) como um verbo regular da 1ª conjugação, indicando movimento e que se caracteriza quanto à transitividade como um verbo pleno de significação. Essas definições e esse sentido restrito não dão conta das inúmeras ocorrências e manifestações que o verbo *passar* possibilita ao falante da língua, por exemplo: Fred *passou* o som; ou Fred *passou* a beber. O verbo *passar*, nessas construções, foge da regularidade prototípica que, segundo o dicionário eletrônico *Houaiss*, deve indicar o sentido de atravessar, deslocar-se. Desse modo, os estudos da

<sup>1</sup> E-mail: nara\_deus@yahoo.com.br

gramática tradicional sobre o verbo *passar* parecem desconsiderar a pluralidade de sentidos, usos e funções que esse verbo exerce nas várias manifestações discursivas.

Com base nisso, fica inviável o estudo das categorias fora dos contextos de usos, de modo estanque e como estruturas autônomas como propunham os adeptos do estruturalismo ou gerativismo. Há uma necessidade cada vez maior de se estudar os fenômenos linguísticos com base no uso concreto, uma vez que, desse modo, estamos estudando a língua em sua múltipla variedade.

### **Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)**

A teoria funcionalista constitui-se como uma corrente que tem contribuído de forma significativa no que diz respeito à análise dos fenômenos linguísticos, especificamente aqueles que passam por processos de variação e mudança frente à emergência de novos significados e funções que estes termos assumem no ato comunicativo.

A LFCU é uma abordagem que defende o tratamento da linguagem ou fenômeno linguístico no âmbito da interação, não somente como processo, mas como produto da atividade sociocultural. Levando em consideração os estudos das duas correntes das quais ela resulta, a teoria mescla dois pontos: i: analisa a língua do ponto de vista linguístico e extralinguístico, na vertente norte-americana, em que a “gramática é compreendida como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em conseqüências das vicissitudes do discurso” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 9), considerando, portanto, uma simbiose entre discurso e gramática, e ii: o comportamento linguístico como capacidades cognitivas, ligadas, entre outros fatores, à experiência humana nos contextos de atividades individuais, sociointeracionais e culturais, em que “a gramática é vista como representação cognitiva das experiências dos indivíduos com a língua, e que, portanto, pode ser afetada pelo uso linguístico.” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 14).

Nesse sentido, a LFCU concebe a gramática como o resultado de fatores cognitivos e comunicativos, procurando compreender as regularidades e a instabilidade da língua pela motivação e também pelos modelos das práticas discursivas dos usuários no cotidiano social, buscando descrever e explicar os fatos linguísticos com base nas funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos mais diversos contextos de uso da língua, numa perspectiva pancrônica, relacionando sincronia e diacronia, ao enfatizar não apenas “as relações entre os elementos e as mudanças percebidas nesses elementos e nas relações ao

longo do tempo, mas as forças cognitivas e comunicativas que atuam no indivíduo no momento concreto de comunicação que se manifestam de modo universal” (MARTELLOTA; AREAS, 2003, p. 27-28).

Desse modo, uma teoria linguística, que busca descrever e explicar a gramática da língua com foco voltado para o uso que dela fazem os indivíduos em suas interações verbais, não deve desconsiderar as situações e os contextos comunicativos em que esse uso se atualiza, uma vez que são os usos ao longo do tempo que dão forma ao sistema linguístico e não o contrário.

### **Gramaticalização e Mudança Linguística**

No funcionalismo, a gramaticalização adquire destaque “exatamente porque reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo, ou seja, porque se explica pela interação entre as motivações internas ao sistema e as motivações externas a ele” (NEVES, 2006, p. 20), a gramática é, pois, resultado de pressões cognitivas e pressões de uso.

A grosso modo, gramaticalização está “relacionada a *necessidade de se refazer* que toda gramática apresenta” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 173). Trata-se de um processo de mudança linguística que privilegia a trajetória de elementos lexicais para elementos gramaticais, e a trajetória de elementos ou categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais, numa relação *stricto sensu* (formas que migram do léxico para a gramática) ou *lato sensu* (mudanças ocorridas no interior da própria gramática).

As mudanças nas estruturas da língua não ocorrem de forma aleatória, mas acontecem com base na trajetória prototípica e são motivadas por aspectos cognitivos e interacionais que acontecem no momento da comunicação efetiva da língua. Segundo Furtado da Cunha, Costa e Cesário (2003, p. 50), “na trajetória dos processos de regularização do uso da língua, tudo começa sem regularidade, [...] mas se regulariza com o uso [...] que passa a exercer uma pressão tal que faz com que o que no começo era casuístico se fixe e se converta em norma”, sendo incorporada à gramática.

Segundo Martelotta (2003), a mudança linguística antes vista com base numa diacronia linear, priorizando o fator *tempo* como responsável pelas mudanças ocorridas, agora deve voltar-se também para a relevância do contexto de uso como campos significativos. Nesse sentido, a trajetória de mudança linguística de um item deve considerar não só o *tempo*,

como a *cognição* e o *uso* como os fatores desencadeadores desse processo. Trata-se, portanto, de um fenômeno de caráter tridimensional.

As motivações para os usos podem ser advindas das necessidades comunicativas não satisfeitas ou, até mesmo, por não encontrar designações adequadas para os conteúdos cognitivos que o falante deseja expressar. Assim, o sistema linguístico não é afetado em sua totalidade e nem de uma hora para outra, na trajetória de mudança há estágios em que as formas são distribuídas irregularmente pelos falantes em processos que podem durar muito tempo. Nesse sentido, fala-se em um contínuo evolutivo diacrônico e um contínuo sincrônico, desfazendo os limites entre diacronia e sincronia ao considerar um dinamismo constante e essencial às línguas. Assim, a gramaticalização é vista como um processo diacrônico e sincrônico e designa uma trajetória unidirecional.

### **Verbos na perspectiva da Gramática Tradicional**

Nos compêndios de Gramática Tradicional (GT), o verbo é visto como uma classe variável que exprime um acontecimento definido no tempo, apresentando, pois, flexões de número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz, conjugação, regularidades e irregularidades, formas nominais, regência e concordância. Segundo Cunha e Cintra (2001), o verbo desempenha uma única função obrigatória na oração, que é ser núcleo do predicado, não contendo, sintaticamente, uma função própria como os substantivos, adjetivos e outras classes.

É importante salientarmos que, na tradição gramatical, o traço semântico e descritivo do uso do verbo não é referendado, limitando a visão sobre o verbo apenas às suas flexões e classificações.

Rocha Lima (2012, p. 168) conceitua verbo como aquele que “expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres” e que é “a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais”. Considera esses acidentes como correspondentes aos aspectos de modo, tempo, pessoa, número e voz do verbo. Ou seja, deixa bastante a desejar sua definição, pois não contém exemplos que possam explicar de maneira mais detalhada, considerando o critério semântico apenas para a formulação do conceito.

Azeredo (2011, p. 180) leva em consideração a visão estritamente morfológica, ao dizer que “verbo é a espécie de palavras que ocorre nos enunciados sob distintas formas (vocábulos morfológicos) para a expressão das categorias de tempo, aspecto, modo, número e

peessoa.” Dessas cinco categorias, elege o tempo como aquele que mais caracteriza, de forma objetiva, o verbo, pois possibilita a associação simples das formas.

Perini (2006) diz que os verbos são uma classe de palavras bem estabelecidas, uma vez que, no geral, desempenham a mesma função sintática dentro da estrutura oracional e se flexionam da mesma maneira. Ele afirma, com isso, que os verbos possuem um comportamento morfossintático homogêneo. Critica, de certo modo, as definições de Cunha e Cintra, ao afirmar que a noção corrente de verbo é formal e não semântica e por não apresentarem exemplificações para sanar algumas dúvidas pertinentes, como se o verbo representasse um conjunto de palavras que exprimem ações. Assim, “corrida” e “vingança” seriam consideradas lexemas verbais, visto que exprimem ações.

Bechara (2009, p. 209) define o verbo como “a unidade de significação categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”, fazendo uma distinção entre os verbos nocionais e verbos relacionais (intimamente ligados à base da distinção entre predicado verbal e predicado nominal).

Podemos perceber que, com exceção de Bechara (2009), que traz alguns indícios semânticos, as demais abordagens privilegiam o caráter estrutural, colocando de lado muitas das peculiaridades contidas no sintagma verbal. Deixa a desejar, principalmente, quando partimos para a utilização efetiva desses sintagmas em situações reais de interação. Assim sendo, a GT não dá conta dos inúmeros fenômenos recorrentes na comunicação e dos quais o falante dispõe para alcance dos seus propósitos.

Não estamos aqui desmerecendo o estudo estrutural da gramática, nem tampouco as contribuições que trouxeram, afinal só estamos estudando um fator novo com base e ancorados nas lacunas encontradas nas abordagens tradicionais. Pois, a partir do momento que consideramos a língua como um sistema estanque, mutável, adaptativo e fluido, não podemos considerá-la apenas do ponto de vista da forma e da estrutura, como observamos em algumas das definições acima enfatizadas.

### **Verbos na perspectiva Funcionalista**

Chegando o mais próximo do que a visão funcionalista defende, teceremos algumas considerações pertinentes de Perini (2010), em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*. Para o autor, o verbo deve ser, no mínimo, analisado a partir da oração, levando em consideração os fatores sintáticos e semânticos, pontuando que um mesmo verbo pode ocorrer

em situações diversas, o que implica dizer que ele pode aceitar diferentes complementos e sofrer alterações no sentido. Desse modo, por exemplo, ao analisarmos a sentença: “Carlos participou do torneio”, temos, devido à semântica do verbo posto em uso, algumas informações prévias, como o fato de o sujeito ser um agente com papel temático de um experienciador.

O autor fala ainda em construções. Segundo ele, “uma construção [...] se define por seus constituintes sintáticos e pela relação que cada um deles tem com o verbo da oração” (PERINI, 2010, p. 50). Dito de outro modo, as construções se definem por:

- a) os tipos de constituintes de que é formada (SN, V...);
- b) a função sintática de cada um deles (sujeito, objeto...);
- c) os papéis temáticos de cada um deles (Agente, Paciente...)

Afirma ainda que um verbo pode ocorrer em um número delimitado de construções, a esse conjunto de construções dá-se o nome de valência do verbo.

Neves (2011) relaciona o verbo essencialmente ao predicado, ao dizer que os verbos são pertencentes ao predicado oracional e que estes predicados exercem uma função importante, pois designam relações entre os argumentos e demais elementos dentro da base da predicação. A predicação, para a autora, constitui o resultado das aplicações de uma certa quantidade de termos a um predicado. Em outras palavras, Neves (2011) indica que uma oração é constituída basicamente por um predicado ou que a construção de uma oração requer sempre um predicado que, por sua vez, é geralmente representado por algum verbo ou, no caso dos verbos de ligação, um adjetivo.

É importante frisar algumas considerações que a autora tece sobre o predicado. Dentre elas, Neves informa que o predicado possui características ou propriedades sintáticas e semânticas, uma vez que é constituído de forma lexical e pela função dos termos. Afirma também que os verbos modalizadores (aqueles que indicam aspecto) e os que se encontram como auxiliares para designar tempo e voz não constituem predicado.

Já a gramática de valência será importante porque nos ajudará a compreender alguns pontos relacionados à transitividade e o porquê da GT considerar o verbo “passar”, em essência, como verbo pleno.

Segundo as considerações tecidas por Borba (1996), o verbo pleno é composto por duas características: é aquele que semanticamente possui um significado lexical e sintaticamente ocupa o núcleo do predicado verbal. Em outras palavras, constitui-se como

núcleo semântico ou lexical, pois leva em conta a quantidade de argumento e seus papéis temáticos, bem como o núcleo do predicado verbal, devido à categoria gramatical que os termos (e seus argumentos) assumem na oração.

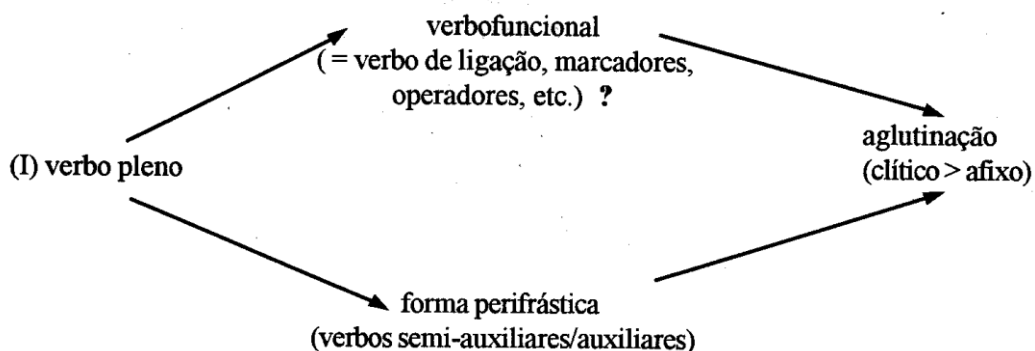
É importante destacarmos que um verbo pleno não é apenas aquele que contém o sentido prototípico, mas aquele que ocupa o núcleo do sintagma verbal, sendo tradicionalmente classificado, quanto à transitividade, como verbo transitivo direto, transitivo indireto e intransitivo. Ainda com base nesse guincho da transitividade, retomamos os postulados de Hopper e Thompson (1980), que levam em consideração todos os aspectos da oração em uma escala contínua com base nos dez parâmetros. Os estudiosos funcionalistas compreendem a transitividade:

[...] não como uma propriedade categórica do verbo, como defende a gramática tradicional, mas como uma propriedade contínua, escalar (ou gradiente), da oração como um todo. É na oração que se podem observar as relações entre o verbo e seu(s) argumento (s) – a gramática da oração (FURTADO DA CUNHA e SOUSA, 2007, p. 29).

Com relação aos tipos de verbos, nos detemos às considerações de Travaglia (2002), que fala sobre verbos lexicais e verbos gramaticais. Segundo o autor, os **verbos lexicais** são os que funcionam como lexemas, referentes aos aspectos do mundo biofísicossocial, já os **verbos gramaticais** funcionam como grafemas, ou seja, não exercem a função de expressar situações, mas sim marcar categorias ou exercer papéis e funções discursivas determinadas. O conteúdo é, pois, de ordem funcional, relacional e gramatical.

Sobre o processo de gramaticalização de verbos em português, Travaglia define o seguinte esquema:

**FIGURA 01: Esquema de gramaticalização de verbos em português**





Fonte: Travaglia (2002, p. 138)

Conforme as cadeias exemplificadas no esquema, o autor propõe mostrar que verbos gramaticalizados, ou em processo de gramaticalização, assumem, nos contornos do uso linguístico, a função de: marcador (marca e expressa alguma categoria gramatical do verbo ou de outras classes), como por exemplo em >um mês inteiro se passara<; indicador (são os chamados auxiliares semânticos, também chamados por alguns autores como semi ou quase auxiliares) como em >a menina passou a ser feliz<; ou um item ‘verbo’ funcional (não marca categorias gramaticais, mas desempenha-as em contextos discursivos, como é o caso dos marcadores conversacionais e discursivos); e os itens que passam de categorias lexicais para categorias mais gramaticais, como os adjetivos, advérbios, incluindo também os verbos de ligação, como em >você não passa de uma grande mentira<. A seguir, apresentamos análise e apreciação dos dados.

### **Análise e Discussão dos dados**

O uso gramatical é mais pragmático e contextual, pois está sujeito às regras da gramática. É, portanto, abstrato em relação ao uso lexical. Para tanto, utilizamos, nesta análise, o dicionário de Borba (2002), pois nele encontramos a classificação sintático-semântica dos principais verbos da língua.

Segundo o dicionário de Borba (2002), o *passar* apresenta-se como verbo de inúmeras acepções e seis funções gramaticais que foram identificadas no *corpus* em análise: ação-processo; processo; ação; estado; auxiliar e verbalizador.

Segundo o autor, os verbos de ação-processo expressam uma ação realizada por um sujeito (Agentivo ou Causativo) que afetam complementos (Afetado ou Afetuado), como podemos acompanhar na amostra seguinte:

#### Ação-processo

---

(7) “*depois coloca o resto dos ingredientes ... é:: bate na batedeira ... depois co/ passa manteiga na forma ... passa ma/ coloca pó Royal e coloca os ingredientes na forma ... depois coloca no forno pra assar e está pronto ...*” (p. 199), relato de procedimento. Parte oral. Sueli. *Quarta série do fundamental*)

---

Fonte: D&G Natal (1998).



Como processo, os verbos podem expressar um evento ou uma sucessão de eventos que afeta um sujeito paciente. Conforme exemplificado na amostra que segue:

#### Processo

---

(8) “... tava tudo marcado pra ele ir pra Belém ... sabe? antes do acidente ... ele foi mesmo assim ... **passou** no curso ... doido desse jeito ... sabe? porque ele tava doido ... todo mundo dizia que ... tava doido mesmo ... o pé desse tamanho ... ficou inchado ... ele calçou o sapato e viajou ... e **passou** no curso ... minha mãe dizendo ... agora ele num **passa** não ... do jeito que ele tá doido ... mas foi assim... a situação ... minha mãe já **passou** por poucas e boas ...” (p. 103, narrativa de experiência pessoal. Parte oral. Ensino médio. Rosemeire)

---

Os verbos de ação expressam uma atividade realizada pelo sujeito agente que não afeta os objetos, podemos observar conforme amostra abaixo:

#### Ação

---

(9) “Ele se encontrou com ela na Rua rodando bolsinha, seu carro parou e ela se ofereceu p/ **passar** a noite com ele.” (p. 123, narrativa recontada. Parte escrita. Ensino médio. Rosemeire)

---

Fonte: D&G Natal (1998).

Já os verbos de estado expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é veículo de suporte dessa propriedade, comportando-se como experienciador ou beneficiário.

#### Estado

---

(10)... era uma história de uma família ... que ia **passar** um tempo ... num sei ... ia sair da cidade né ... dos Estados Unidos e ia **passar** um tempo no interior ... numa cidadezinha .. (p. 3, narrativa recontada. Parte oral. Ensino superior. Carlos)

---

Fonte: D&G Natal (1998).

São considerados auxiliares os verbos precedidos de *a* + *infinitivo*, indicando aspecto inceptivo.

#### Auxiliar

---

(11) “eu acho que se você puser essa pessoa pra trabalhar ... no momento que ela trabalha o dia todo ... que ela tem uma ocupação... um serviço ... ela **passa** a esquecer ... ela **passa** a se preocupar com aquele trabalho dela ... entendeu?” (p. 99, relato de opinião. Parte oral. Ensino médio. Gustavo)

---

### Verbalizador

Fonte: D&G Natal (1998).

São classificados como verbalizadores os verbos cuja função é reforçar a potencia verbal de um sintagma nominal, ou seja, transformando-o em verbo, como em: (passar calote) que equivale à (calotear).

### Verbalizador

*(12)... naquele almoço ... ele resolveu ir comendo pequenas porções para não **passar** vergonha ... de cada prato que iam servindo ele ia comendo pequenas porções ... (p. 46, narrativa de experiência pessoal. Parte Oral. Ensino superior. Ítalo)*

Fonte: D&G Natal (1998)

Encontramos, nas 361 amostras analisadas, ocorrências de todas essas funções gramaticais conforme exposto a seguir:

**QUADRO 01: Funções gramaticais do verbo *passar* no corpus D&G Natal**

AÇÃO- PROCESSO	PROCESSO	AÇÃO	ESTAD O	AUXILIA R	VERBALIZADOR
52 (15%)	127 (35%)	73 (20%)	95 (26%)	06 (2%)	08 (2%)
TOTAL= 361					

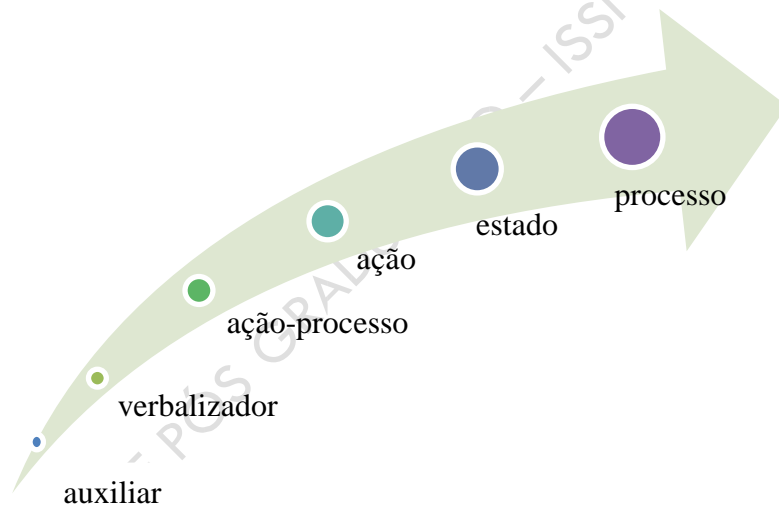
Fonte: Pereira (2017).

Frente ao exposto, a análise mostra que a função gramatical mais frequente do verbo *passar* no Corpus D&G Natal é a função de processo (35%), seguido de estado (26%),

acompanhada da função prototípica pela gramática tradicional que é a função de ação (20%) e, por último, as funções de ação-processo (15%); auxiliar (2%) e verbalizador (2%).

Desse modo, podemos traçar uma rota de gramaticalização em que, no centro representando a função prototípica defendida pela (GT), estará as funções de AÇÃO e AÇÃO-PROCESSO e, nas extremidades, novas funções como as de PROCESSO e ESTADO (de modo mais expressivo) e as de AUXILIAR e VERBALIZADOR (de modo menos expressivo), como podemos verificar a seguir na figura 02:

**FIGURA 02: Rota de gramatização do verbo *passar* no *Corpus D&G Natal***



Fonte: Pereira (2017).

### **Considerações Finais**

Os dados apontam que as seis funções (auxiliar, verbalizador, ação-processo, ação, estado, processo) apresentadas no tópico anterior são importantes para estudos futuros sobre a descrição gramatical do português brasileiro. E comprovam o quão maleável e dinâmica é a língua e o quanto os termos não se bastam nas classificações cristalizadas na tradição gramatical, pois sabemos das inúmeras limitações existentes na prescrição.

Esse estudo enfatiza a importância e a emergência cada vez mais acentuada dos estudos promovidos com base na vertente funcionalista. Analisar a função dos termos gramaticais em uso é cada vez mais necessário para o ensino de língua portuguesa e para

futuros professores de língua materna, visto que é partindo de textos reais utilizados nas mais diversas situações comunicativas que percebemos as nuances de funções e sentidos dos termos exercidos pelos falantes.

### Referências

- AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORBA, F. da S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BORBA, F. da S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 21-45.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. *Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.
- HOPPER, P.; THOMPSON, S. *Transitivity in Grammar and Discourse*. *Language*, v. 56, n. 2, 1980. p. 251-299.
- MARTELOTTA, M. E.. A mudança linguística In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MARTELOTTA, M. E; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- NEVES, M. H. M.. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: EDUNESP, 2011.

PEREIRA, F. D. F. *As construções com o verbo passar na fala e na escrita da cidade do natal*. 124 p. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/CAMEAM, Pau dos Ferros-RN, 2017.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática, 2006.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROCHA, Lima. *Gramática Normativa da língua Portuguesa*. 50. ed. Rio de Janeiro: José Olympia, 2012.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramaticalização de verbos*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2002. 131p. (Relatório de Pós-doutorado em Linguística).

**FROM GRAMMATICAL TRADITION TO LINGUISTIC FUNCTIONALISM:  
FUNCTIONS OF THE VERB TO PASS IN THE SPEECH AND WRITING OF  
NATALENSES**

**ABSTRACT:** The data presented here are registered as part of the analysis of my Master's dissertation, so this article aims to identify which grammatical functions the verb to *pass* expresses in the speech and writing of Natalenses. For this purpose, was chosen for analysis, the corpus Discourse and Grammar - the language spoken and written in the city of Natal (D&G - Natal), the choice being to represent a well constituted and organized material of real texts produced by real speakers in interactive situations. The theoretical foundation that supports this analysis is the Use-Centered Functional Linguistics (UCFL), in order to present the divergences in the approach of the grammar class under study in relation to Traditional Grammar (GT). The results point to six grammatical functions in the analyzed *corpus*, the *pass* verb with action-process, process, action, state, auxiliary and verbalizer functions. The data made possible a possible grammatical route of the functions of the term under study.

**Keywords:** LFCU. Functions. Verb to *pass*.

**Envio: junho/2020**

**Aceito para publicação: setembro/2020**